

W. SOMEREST MAUGHAM E A NAVALHA DA MASCULINIDADE

Hélio Dias Furtado
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO:

Este trabalho é uma análise do personagem Larry Darrel, protagonista do romance *O Fio da Navalha* do escritor inglês W. Somerset Maugham. Vemos que, em consonância com a postura do seu criador, uma interpretação de Larry como homossexual, como sugerem alguns críticos, parece tendenciosa, principalmente se levarmos em consideração a declarada intenção de Maugham de não tratar assuntos relacionados ao homoerotismo em seus romances. No entanto, se Larry não pode ser visto como um personagem homoerótico, uma leitura mais detalhada de sua construção revela-o como uma crítica que Maugham faz aos valores da sociedade norte-americana de sua época, destacando-se entre esses os valores que definem o conceito predominante de masculinidade.

Palavras-chave: maugham, homoerotismo, masculinidade, navalha,

Após os movimentos de liberação social, que ocorreram principalmente a partir dos anos 60s do século passado, começaram a surgir autores literários que, de uma forma ou de outra, eram ligados a tais movimentos. A literatura produzida por esses autores passou a ser inevitavelmente categorizada de acordo com o grupo social a que eles pertenciam. Assim, temos a literatura feminista, a literatura dos negros, dos judeus e, também, a literatura gay. No entanto, essa rotulação incomoda a esses autores a quem parece que a literatura produzida por eles é apenas um subtipo de literatura no contexto da literatura tradicional. Esse sentimento foi bem expresso, há mais de uma década, pelo escritor Caio Fernando Abreu que, devido a sua orientação sexual, é por muitos considerados um escritor gay. Em uma entrevista concedida a Marcelo Secron Bessa, Caio afirma a esse respeito:

Acho que literatura é literatura. Ela não é masculina, feminina ou gay. Eu não acredito nisso, acho que existe sexualidade: cada um é sexuado ou assexuado. Se você é sexuado, tem mil maneiras de exercer a sua sexualidade com mulher, homem, vaca, criancinha, velhinho, com buraco de fechadura. E se nós formos compartimentalizar essas coisas, acho que dilui, pois fica uma editora gay, numa livraria gay, que vai ser lido apenas por gays". (Bessa, 1995:12)

No entanto, o que o escritor gaúcho não menciona em sua entrevista é que essa "compartimentalização" atinge não somente escritores declaradamente gays que ainda estão vivos e produzindo, mas também aqueles que, mesmo tendo vivido e morrido antes dos movimentos sociais dos anos 60s e, portanto, não tendo jamais declarado publicamente sua opção sexual, são às vezes impostos o mesmo tipo de rótulo.

Um caso desses é o do romancista inglês W. Somerset Maugham que morreu, aos 91 anos de idade, em 1965. Durante sua vida, seus amigos mais próximos sabiam que apesar de um casamento falido e de uma filha, Maugham era homossexual e vivia com um companheiro, embora jamais tenha assumido publicamente sua orientação sexual. Isso se deveu não somente ao fato da homossexualidade ser então considerada um crime previsto em lei em seu país, mas pela sua própria convicção de nunca deixar transparecer em sua obra traças de sua vida particular.

Abordando a questão da homossexualidade na obra de W. Somerset Maugham, o crítico canadense Robert Calder em seu livro *W. Somerset Maugham & The Quest for Freedom*, faz referência a essa constante preocupação que Maugham tinha em deixar fora de sua ficção qualquer referência a sua orientação sexual. Afirma Calder que "as leis que se referiam à homossexualidade, durante a maior parte da vida de Maugham, e sua preocupação com sua reputação pública, no entanto, o impediram de abordar o assunto" (Calder 1972:25). Sua atitude se reflete no conselho que ele deu para seu sobrinho Robin Maugham, sobre a publicação de seu livro de cunho homossexual, *The Wrong People*. Disse Robin Maugham a esse respeito: "Meu tio disse: 'Eu vou lhe servir um martini bem grande porque você vai precisar. O seu foi o único livro que levei para a cama e tive que ler até o fim. Mas acho que ele vai acabar com você como escritor. Eles lhe matarão'. Depois, meu tio disse que vários detalhes nele implicavam que em algum momento de minha

vida eu tinha tido alguma experiência homossexual e que isso seria ruim para meu público” (Calder 1972:25).

Apesar de serem conhecedores dessa precaução que orientava Maugham em seus livros, os estudiosos de sua obra parecem sempre apressados em identificar traços de homossexualismo onde originalmente eles não existem, esquecendo, como afirma o próprio Calder, que “qualquer tentativa para se identificar elementos de homossexualidade nos livros de Maugham devem ser necessariamente conduzidos com grande cuidado e o reconhecimento de que o principal objetivo dele nunca foi explorar a consciência homossexual” (Calder, 1989:237). Indiferentes a essa postura de Maugham, há, no entanto, críticos que, como Anthony Curtis, ao analisar Larry Darrell, o protagonista do romance de Maugham de 1944, *O Fio da Navalha*, apressa-se em defini-lo como um “homossexual compassivo, sempre pronto para ajudar um patinho aleijado, ouvir os problemas e curar as feridas de seus amigos, mas nunca desviando-se de seu próprio único propósito” (Curtis, 1976:226). Reforçando essa interpretação de Larry como um homossexual, Curtis ainda acrescenta: “Suas ocasionais idas para cama com mulheres, tal qual o episódio Chauceriano no sótão da fazenda perto de Zwingenberg, deve ser tomado como uma pitada de sal.” (*The Pattern of Maugham*, p. 226). Em outras palavras, o crítico sugere que envolvimento afetivo-sexuais com mulheres não são exatamente parte da orientação sexual de Larry.

No entanto, se Curtis tivesse sido mais atento à caracterização de Larry que Maugham se empenha em desenvolver ao longo do romance, talvez ele pudesse ter chegado não necessariamente a uma conclusão diferente quanto a sua orientação sexual, mas com certeza a uma visão mais ampla das intenções de Maugham na construção de seu personagem principal. Ao atribuir-lhe certas características, fica óbvio que Maugham propositalmente distancia-o do que seriam os valores masculinos predominantes na sociedade em que ele vivia, os Estados Unidos do começo do século XX, e na qual Maugham também estava vivendo durante aqueles anos da Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma é que, pondo à parte interpretações com a de Curtis, que sem dúvida parecem precipitadas, o que podemos observar numa análise menos preconceituosa é que a estória do personagem Larry Darrel realmente questiona ao longo da sua busca religiosa valores culturais de seu povo não

somente quanto ao aspecto econômico, que é o mais óbvio em uma primeira leitura, mas também questiona, com suas atitudes e escolhas, arraigados valores de masculinidade de sua cultura.

A história de Larry gira totalmente em torno de sua busca espiritual. Plenitude espiritual é sem dúvida o que Larry Darrel, o protagonista do romance, está procurando. Sua história começa em Chicago, em 1919, quando Larry, um piloto veterano americano que lutou na Primeira Guerra Mundial, está noivo de uma garota chamada Isabel. Depois do seu retorno da guerra, todos esperam que Larry siga o que é considerado o fluxo normal na vida de um jovem americano naquela época, isto é, estabelecer-se profissionalmente e, logo depois, casar-se. No entanto, Larry começa aos poucos a assumir uma atitude bem diferente da que se esperava dele. Devido a uma experiência traumática vivida no campo de batalha, ele sofreu uma mudança radical nos seus valores e pontos de vista. Contrariamente a concepção de vida de seus amigos e, mais do que isso, de seu próprio povo e cultura, ele não mais deseja uma carreira bem sucedida que poderia lhe proporcionar riqueza e conforto materiais. Sua principal preocupação agora é de natureza metafísica. Ele quer se dedicar a estudos que possam lhe levar a uma iluminação espiritual.

Para poder alcançar esse objetivo, é inevitável que Larry afaste-se dos seus amigos, de seu povo e de sua própria cultura materialistas. Assim, ele vai para Paris onde começa seus estudos e, dois anos mais tarde, depois de um rompimento definitivo com Isabel, visita vários outros lugares, tais como a Polônia e a Alemanha, a fim de dar continuidade a sua busca. Finalmente, ele vai para a Índia onde alcança a iluminação que procurava tão ardentemente. Depois disso, Larry volta para a Europa onde novamente se reencontra com Isabel, nessas alturas casada e com duas filhas, e alguns outros velhos amigos. Entre esses amigos está Sophie Macdonald que, incapaz de superar o trauma da perda do marido e do filho num acidente de carro, torna-se uma prostituta e leva agora uma vida miserável nos bordéis de Paris. Larry ajuda ela a sair desse tipo de vida e propõe-lhe casamento. No entanto, devido a maquinações de Isabel, Sophie retorna a sua antiga vida e termina assassinada por um dos seus amantes em Toulon. No final do romance, Larry revela sua intenção de voltar a seu país natal e trabalhar numa oficina de carros ou como um mero motorista de táxi.

Conforme sugerimos anteriormente, em contraste direto com os objetivos espirituais e metafísicos de Larry, os demais personagens são construídos como extremamente materialistas. Dois deles são especialmente relevantes nesse aspecto. São eles Isabel e seu tio Elliott Templeton. Depois de se recusar a seguir Larry em sua peregrinação, Isabel decide casar com Gray Maturin que há anos era apaixonado por ela. No entanto, não é a reciprocidade ao seu amor que a faz aceitar a proposta dele, mas sim a certeza de que ele poderá lhe oferecer o padrão de vida que ela tanto almeja. Apesar disso, muitos anos depois, quando ela se reencontra com Larry depois de sua jornada pela Índia, ela descobre que ainda o ama com a mesma intensidade de antes.

Quanto ao tio de Isabel, Elliott Templeton, ele é um auto-exilado americano que mora na Europa. Elliot renunciou com desprezo os valores de sua sociedade em favor do esplendor da aristocracia européia. Portanto, embora não tão materialista quanto seus compatriotas, ele também vive permanentemente envolvido com as questões mundanas do mundo aristocrático. O que ele mais valoriza na vida é o seu relacionamento com a aristocracia européia.

Por outro lado, analisando a construção do protagonista em relação aos outros personagens masculinos do romance, podemos facilmente identificar elementos que com certeza foram influentes na definição dele como um homossexual latente mas que, numa segunda análise, apontam para uma crítica mais abrangente. Essa crítica seria direcionada contra os valores viris considerados indispensáveis na sociedade para ser aceito como um verdadeiro homem. Nesse sentido, podemos dizer que o problema de Larry está em sua *expressão de gêneros*. Usamos expressão de gênero no sentido definido por Riki Wilchins, isto é, como a manifestação do sentido fundamental de ser masculino ou feminino através da maneira de vestir, do comportamento e outros meios (Wilchins, 2004:8). Nesse sentido veremos que Larry, embora de forma não tão radical e agressiva, rompe com alguns valores considerados tipicamente masculinos em sua sociedade. Ele se recusa a seguir certos ritos que são convencionalmente considerados típicos do papel a ser exercido pelo homem na sociedade.

Para começar, Larry não se adequa com o ideal de masculinidade de sua sociedade com o seu tipo físico. Quando ele aparece na estória pela primeira vez, o narrador o contrasta com seu amigo Gray Maturin, que é também seu rival pelo amor de Isabel. O narrador diz.

Gray Maturin era mais vistoso do que bonito. Tinha um ar rude, inacabado; nariz curto e chato, boca sensual e a pele corada dos irlandeses; grande quantidade de cabelos negros, bem lisos, olhos muito azuis sob as cerradas sobrancelhas. Embora de compleição tão robusta, era muito bem proporcionado e, nu, devia ser um tipo de homem. Parecia ter muita força. Sua virilidade era impressionante. Fazia com que Larry, que estava sentado a seu lado e tinha somente oito ou dez centímetros menos que ele, parecesse insignificante. (Maugham: 2002: 43-4) ¹¹

Portanto, fisicamente Gray está mais próximo de uma perfeita materialização do ideal de masculinidade. Ele se impõe pelo seu tipo físico que transmite a idéia de força e de alguém destinado a exercer o poder. Além disso, à medida que a estória se desenvolve, nós descobrimos que ele é quem está mais seriamente interessado em Isabel enquanto que Larry a coloca em segundo plano em relação a sua busca espiritual. Dessa forma, Gray exerce o papel típico do macho em relação à fêmea, ou seja, ele está lutando para a conquistar do seu rival.

A indiferença de Larry em relação ao seu compromisso anterior com Isabel é o resultado da busca espiritual que ele agora vive. Essa busca começa depois de sua experiência como piloto na Primeira Guerra Mundial. Presenciar a morte de um amigo íntimo despertou nele um desejo de entender os mistérios da vida. Assim, ao retornar para os Estados Unidos, ele se vê incapaz de retomar sua antiga vida e de cumprir as obrigações que se espera de um jovem de sua idade.

A sua busca espiritual tem dois aspectos negativos para a imagem de Larry enquanto um homem viril. Primeiramente, ela é contrária ao que se esperava ser a influência positiva da guerra na personalidade de um jovem. Em seu livro *A Construção Social da Masculinidade*, Pedro Paulo de Oliveira mostra como em seu desenvolvimento, o conceito de masculinidade era em determinado momento profundamente associado com a participação do jovem

¹ 1 As demais citações desse romance serão feitas no texto como FN seguido do número da página

na guerra. Como parte do processo de formação dos estados modernos, os jovens eram ensinados que a guerra poderia ser vista como um processo de aperfeiçoamento de sua virilidade. Uma atitude de destemor e serenidade ante os perigos da guerra e até mesmo frente à própria morte era o que se esperava de um homem verdadeiramente viril. A guerra funcionaria como um aperfeiçoamento da virilidade do indivíduo. O autor ainda menciona Ernest Jünger para quem os verdadeiros homens eram os sobreviventes das trincheiras (Oliveira, 2004:29). Contrário a todas as expectativas, sua experiência na guerra tornou Larry introvertido e apenas preocupado com sua vida espiritual.

O outro aspecto da religiosidade de Larry que ajuda na degeneração de sua imagem de virilidade é o conceito popular de que religião é algo típico do mundo feminino, em outras palavras, é “coisa de mulher”. Quando um homem se envolve com religião, seu interesse deve ser em seu uso como arma de manobra política e para influenciar a vida das outras pessoas, inclusive das próprias mulheres. Longe disso, a religiosidade de Larry leva-o a um desinteresse pelo jogo do poder e pelo domínio sobre as mulheres. Nesse aspecto, a religiosidade de Larry é contrastada diretamente com a de Elliott Templeton que, em certo momento de sua vida, se converte ao Catolicismo. Sua conversão, no entanto, não é fruto de uma nova convicção, mas o desejo de se aproximar da pompa dos rituais católicos e da influente hierarquia católica.

Como consequência de sua busca religiosa, a atitude de Larry em relação a sua vida profissional também contribui para sua emasculação. Em todo o romance, há vários momentos em que ter um trabalho é visto como uma parte indispensável na vida de um homem e seu papel na sociedade. Na realidade, as exigências postas sobre Larry por causa dessa questão têm dois aspectos. Primeiramente, tem a ver com o objetivo de se ter um trabalho na vida de um homem. Em sua ansiedade para descrever os americanos com eles realmente são, Maugham enfatiza a visão deles de que trabalhar significa o meio para se fazer dinheiro e levar uma vida confortável e de ostentação. O trabalho, dessa maneira, não deve ser apenas uma forma de sobrevivência. Deve ser encarado como uma forma de acumulação de riqueza e ascensão social. No entanto, os diversos trabalhos que Larry arranja durante sua busca

espiritual têm apenas o objetivo de servir como contrabalanço para suas leituras constantes. Ele nunca demonstra estar interessado em apenas tornar-se rico. Além disso, ele declara que a pequena renda que ele recebe de seu tio é suficiente para levar o tipo de vida que ele quer.

O segundo aspecto desse dilema não tem tanto a ver com acumulação de riquezas, porém mais com as obrigações que são impostas a Larry enquanto homem e, conseqüentemente, “macho provedor”. Esse problema é primeiramente levantado quando o pai de Gray oferece a ele um emprego depois de sua volta da guerra. Para a surpresa de todos os seus conhecidos, ele recusa o emprego sem dar uma explicação plausível. Para todos eles, aquele era o caminho natural e lógico que ele tinha que seguir, especialmente considerando-se o seu compromisso com Isabel. Ao ouvir essa notícia, a Sra. Bradley, mãe de Isabel, diz a sua filha: “Se ele gosta de você, deve estar disposto a trabalhar para você” (FN, 60). Em outras palavras, como parte de suas obrigações para com sua esposa, um homem tem de se tornar o provedor da família. No caso específico de Isabel, não apenas um mero provedor, mas ele deve ser capaz de lhe oferecer um alto padrão de vida.

Essa indisposição de Larry para arranjar um emprego fixo é reforçada quando se compara com a maneira como Gray reage a perde de seu emprego. Em certo ponto do romance, Gray e Isabel têm um reverso em seu padrão de vida devido à Depressão econômica de 1929. Gray fica desempregado e eles vão passar uma temporada na Europa às custas de Elliott. Durante uma conversa com o narrador, ela lhe fala sobre a instabilidade emocional de seu marido por causa de sua situação profissional e econômica:

Os nervos de Gray estão em mísero estado e ele ainda tem aquelas terríveis enxaquecas; mesmo que arranjasse emprego, não estaria em condições de aceitá-lo e isso, naturalmente, o aborrece. Ele tem vontade de trabalhar, acha que deve trabalhar e sente-se humilhado por não o quererem. Sim, pois é de opinião que a missão do homem é lutar e que, não podendo cumpri-la, é preferível morrer de uma vez. Não se conforma com a sua inutilidade; só consegui trazê-lo para cá depois de convencê-lo de que a mudança e o descanso o fariam voltar ao seu normal. Mas tenho certeza de que só se sentirá feliz quando estiver de novo em plena atividade. (FN, 191).

Com certeza, a tradução da última sentença, embora transmitindo a essência da idéia do autor, não é tão enfática quanto a do original que diz literalmente: “Mas eu sei que ele não será feliz quando até que volte para o cabresto.” (But I know he won't be happy till he gets back into harness. (Maugham, 1997:149)).

A forte identificação de homens viris, como Gray, com sua reputação profissional é descrita com cores ainda mais fortes no comportamento final do seu pai frente aos eventos provocados pela Depressão. A fim de manter a confiança de seus clientes, Henry Maturin, o pai de Gray, suporta a conta deles tirando dinheiro de seu próprio bolso durante os primeiros meses da Depressão econômica. A qualquer custo, ele deseja manter sua reputação profissional. Porém, com sua obstinada atitude, sua fortuna desaparece gradualmente e uma noite ele tem um fulminante ataque do coração e morre.

Agora, se por um lado Larry se recusa a compartilhar a devoção que seus compatriotas têm pelo trabalho, por outro, deve-se reconhecer sua recusa ao mundo de trivialidades que é representado por Elliott Templeton, o tio de Isabel. Um americano extremamente fascinado com a aristocracia européia, Elliott vive há muitos anos na Europa onde ele sobrevive arranjando transações entre famílias inglesas e francesas que, forçadas pelas circunstâncias, têm que se desfazer de bens valiosos que interessam a diretores de museus americanos. Apesar desse aspecto financeiro, seu maior interesse na vida é a última fofoca circulando na aristocracia e sua maior fascinação e “a festa da temporada”.

Quando Larry chega à Europa, Elliot tenta tornar-se seu mentor e apresentá-lo a esse mundo de trivialidades. No entanto, Larry ignora seus convites. Da mesma forma que ele havia desprezado o significado que seus compatriotas dão ao trabalho, ele também recusa o mundo de trivialidades no qual Elliott circula.

É interessante observar que Elliott serve como contraste para Larry não apenas nesses dois aspectos: o profissional e o religioso, já mencionado anteriormente. Ele também serve como contraste para o aspecto sexual. Sendo um solteirão que adora transitar no mundo das últimas fofocas da sociedade e um eterno devotado das grandes damas da decadente nobreza européia, Elliott é caracterizado de forma que o leitor inevitavelmente o visualize como um solteirão efeminado. Nesse sentido, ele funciona com um contraste que salvará

Larry da taja de homossexual devido a sua mansidão. Dessa forma, se por um lado Larry não tem a virilidade de machos provedores como Gray Maturin e seu pai, por outro lado, ele também se distancia da efeminização de Elliott.

Apesar disso, a questão da virilidade, ou melhor dizendo, da sexualidade de Larry é abordada mais diretamente por Maugham. Essa questão é apresentada quando, durante uma conversa com o narrador, Isabel afirma, baseada em sua intuição feminina, ter certeza que Larry ainda é virgem. Nessas alturas, o leitor já sabe que isso não é verdade pois anteriormente o narrador já havia relatado pelo menos uma situação na qual Larry se envolvido sexualmente com mulheres. No entanto, a afirmativa de Isabel desencadeou algumas reflexões no narrador que revelam mais detalhes da vida sexual de Larry. Dessa forma, os próximos capítulos do romance são dedicados a uma pequena apresentação da vida de Suzanne Rouvier, uma mulher que já teve vários amantes e atualmente é mantida por um executivo de Lilly. Em uma fase de sua vida passada, Suzanne contraiu tifoide e foi abandonada pelos seus antigos amantes e ficou sem nenhuma condição de conseguir um novo, sua forma de sobrevivência, devido a suas condições físicas. Foi nessa ocasião que, por acaso, ela conheceu Larry. Ele a levou, juntamente com sua filha, para uma pequena cidade do interior onde eles passaram algumas semanas juntos, sendo tempo suficiente para a recuperação de Suzanne. Por um senso de obrigação, Suzanne achava que tinha obrigação de fazer sexo com Larry. No entanto, ele parecia se manter indiferente às suas insinuações. Ela decidiu então ser mais objetiva e, uma certa noite, inesperadamente, ela foi para o quarto de Larry e se ofereceu para manter relações sexuais com ele, o que se repetiu ainda muitas outras vezes. A principal função de Suzanne no romance não é tanto deixar evidente que Larry não é homossexual, mas ser a fonte reveladora do tipo de sexo que ele fazia, o qual condizia com a sua religiosidade. Nas palavras de Suzanne,

- Era um amante esquisito. Muito meigo, afetuoso e até mesmo terno, viril sem ser apaixonado, se é que você compreende o que quero dizer, e completamente sem vício. Amava como um feroso colegial. Engraçado e ao mesmo tempo comovente. Saí com a impressão de que eu é que lhe devia estar grata, e não ele a mim. Quando fechei a porta, vi-o apanhar de novo o livro e continuar a leitura do ponto onde parara. (FN, 250)

A meiguice e afetuosidade que Suzanne encontrou na sexualidade de Larry é novamente ressaltada quando, em um dos capítulos seguintes, o narrador revela a natureza do intenso desejo sexual que Isabel sente por ele. Simplesmente olhando para o seu pulso, Isabel é completamente absorvida pela força de seus próprios desejos sexuais. O narrador diz:

Qualquer coisa na imobilidade de Isabel atraiu-me a atenção e me fez olhar para ela. Estava tão quieta que parecia hipnotizada. Respiração ofegante. Tinha os olhos fixos no pulso nervoso com seus cabelinhos dourados e na mão longa e delicada, mas forte [de Larry], e jamais vi num semblante humano tão faminta concupiscência como no de Isabel naquele momento. Verdadeira máscara de luxúria. Nunca pensei que suas belas feições pudessem assumir expressão de tão desenfreada sensualidade. Mais animal que humana. A beleza desaparecera do seu rosto; a expressão que nele havia tornava-o medonho e assustador. Lembrava, horrorosamente, uma cadela no cio; quase me senti mal. Ela não tinha noção da minha presença; não tinha noção de coisa alguma a não ser daquela mão, tão despreocupada, que lhe despertara o frenético desejo. Nisto um espasmo contorceu-lhe o rosto, ela estremeceu e, fechando os olhos, recostou-se no canto do carro. (FN, 255)

De qualquer forma, Suzanne Rouvier não é a única mulher com quem Larry tem relação sexual. Enquanto trabalha em uma fazenda nos arredores de Zwingenberg, na Alemanha, durante sua peregrinação pelo interior da Europa com o seu amigo polonês Kosti, Larry teve uma experiência semelhante ao do personagem bíblico José do Egito. Frau Becker, a esposa do fazendeiro, aparentemente se apaixonou por ele e lhe fazia insinuações provocativas. Larry, querendo evitar maiores problemas, manteve-se indiferente a Frau Bekcer. Kosti, porém, de acordo com o padrão considerado tipicamente masculino, insistiu com Larry de que ele deveria se aproveitar das insinuações de Frau Bekcer, algo que ele mesmo havia tentado, mas não tinha sido bem sucedido. Além de sua recusa as investidas de Frau Becker por questões de princípios morais, Larry sabia que eles dois estavam sendo constantemente vigiados por Ellie, a nora viúva dos Becker que morava com eles.

Durante uma noite, enquanto dormia no seu alojamento, Larry acordou com Frau Becker se enroscando no seu corpo e teve que, forçosamente, manter relações sexuais com ela. Depois que ela saiu, ele ficou refletindo sobre o acontecido e percebeu que a mulher que ele acha serva Frau Becker poderia

ter sido, na realidade, Ellie, pois ela usava um disco de mental que era a identificação de falecido marido, morto na Grande Guerra. Diante dessa confusão e receoso do que poderia acontecer como consequência do ocorrido, Larry decide abandonar a fazenda imediatamente, na calada da noite, enquanto todos ainda estavam dormindo.

Se no caso das duas alemãs houve uma espécie de estupro para que pudesse haver sexo com Larry, o mesmo não acontece quando ele se envolve com uma garota espanhola. Essa garota, cujo nome nunca é revelado e com quem ele conviveu por um tempo durante a sua estadia na Espanha, lhe atraiu apenas pela sua beleza e sua alegria.

Aparentemente, seu desejo por ela era desprovido de qualquer interesse sexual ou, pelo menos, de qualquer paixão arrebatadora. Falando sobre a vida sexual deles enquanto estavam juntos, Larry diz como ela via o sexo: “Considerava aquilo que nós delicadamente chamamos relações sexuais como qualquer outra função natural do corpo. Sentia nisso prazer e ficava satisfeita de causar prazer. Era, naturalmente, um animalzinho, mas um animal encantador, atraente, domesticado. (FN, 345).

Com essa última referência à vida sexual de Larry, Maugham tenciona deixar clara a função do sexo para um jovem que, como Larry, prioriza sua vida espiritual. Esse seria apenas “uma outra função natural do corpo” estando, portanto, longe de qualquer paixão doentia ou animalesca. Além disso, essa concepção também justifica sua atitude em relação às mulheres, como Sophie Macdonald Suzanne Rouvier, a quem ele se dedica a ajudar em momentos de crise existencial e/ou material, vendo-as, antes de tudo, como seres humanos em sofrimento a quem ele pode socorrer, do que uma possibilidade de futura gratificação sexual.

Essa leitura que apresentamos de *O Fio da Navalha* demonstra que, apesar de ser possível encontrar traços de homossexualidade na obra de um escritor gay (embora não declarado) como é o caso de W. Somerset Maugham, esses mesmos traços podem nos levar a uma outra interpretação mais abrangente das relações de gêneros. Talvez possamos ver Larry Darrell como um homossexual latente, como insinua Anthony Curtis. Mas, uma interpretação de outra perspectiva da sua construção pode nos levar à conclusão de que, com esse personagem, Maugham tenciona uma crítica ao modelo dominante

de masculinidade na sociedade norte-americano da primeira metade do século XX. Ou ainda, poderíamos dizer que o grande mérito de Maugham está exatamente em desenvolver um personagem masculino que permite ao mesmo tempo essas duas diferentes leituras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BESSA, Marcelo Secron. Quero brincar livre nos campos do Senhor: uma entrevista com Caio Fernando Abreu. *Palavra-Revista do Depto. de Letras da PUC-Rio*. 4:7-15.

CALDER, Robert. *W. Somerset Maugham & The Quest for Freedom*. London: Heinemann, 1972.

_____. *The Life of W. Somerset Maugham*. London: Heinemann, 1989.

CURTIS, Anthony. *The Pattern of Maugham*. London: The Quality Book Club, 1975.

MAUGHAM, W. Somerset. *The Razor's Edge*. London: Mandarin Paperbacks, 1997.

MAUGHAM, W. Somerset. *O Fio da Navalha*. Tradução de Lígia Junqueira Smith. São Paulo: Editora Globo, 2002.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: Editora da UFGM, 2004.

WILCHINS, Riki. *Queer Theory, Gender Theory – An Instant Primer*. Los Angeles: Alyson Books, 2004.